

## INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

ROSIANE ORENDE DA SILVA<sup>1</sup>; ANA BARCELOS<sup>2</sup>, ELIAS ALBRECHT<sup>3</sup>, LIDIA BLANC<sup>4</sup>; PROF.DR. LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRISON<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – orenders@bol.com.br

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – anahpbarcelos@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – eliask.albrecht@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – lidepel@ig.com.br

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – lfrison@terra.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo realizar uma investigação sobre como diferentes atividades e objetos lúdicos que remetem a história podem favorecer e estimular a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, em uma escola de cegos, na cidade de Pelotas. Este estudo teve como base os fundamentos psicológicos da educação, contemplando os principais teóricos estudados na disciplina. Para realizar este trabalho o primeiro passo foi buscar entender - O que é inclusão? Logo compreendemos que se refere a entender, reconhecer, conviver e aprender com as pessoas diferentes de nós. Assim, destacamos que o objetivo da educação inclusiva, segundo LOCATELLI E VAGULA (2009) é a integração das pessoas com necessidades especiais à sociedade e à valorização da diversidade humana, pois com ela se produzirá mudanças nos valores sociais. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que 10% da população mundial apresenta alguma necessidade especial: visuais, auditivas, físicas, mentais ou motoras. A lei de diretrizes e bases da educação (LDB) prevê a inclusão de alunos com deficiências em salas de aulas regulares de ensino, o que representa uma tentativa de equiparação de oportunidades educacionais e o compromisso com o princípio de igualdade de direito para todos. A inclusão abre portas para a mudança de velhos hábitos e isso faz com que voltemos o olhar para nós mesmos e para as condições existentes nas escolas e na vida cotidiana. Precisamos trabalhar com as diferenças e a diversidade, tomando com isso um ganho na tentativa de criar, desenvolver e consolidar uma sociedade mais justa e solidária com oportunidade para todos, principalmente nas escolas do município de Pelotas. Pela investigação feita, a escola Louis Braille tem este enfoque e cuidado e, foi a ela, que recorreremos para realização deste trabalho.

### 2. METODOLOGIA

SANTOS em “Abordagens do processo de ensino e aprendizagem” (2005) salienta que ensinar exprime uma atividade; e aprender envolve certo grau de realizações de tarefas. Portanto, o nosso método será despertar no aluno a curiosidade; instigar se ele perceber por intermédio do toque os conteúdos que estão sendo trabalhados; buscar compreender a história das charqueadas ao longo do tempo e suas consequências. Pra atingir estes objetivos oferecemos

aos condições e material para aprender, compreender e questionar-se. Assim, nosso trabalho consistiu em usar maquetes para ensinar história a educandos com faixa etária média ente 9 e 14 anos, com deficiência visual. Utilizamos como referencial teórico Bruno (2006, pag.19), a qual salienta que: “tocar e ser tocado são fundamentais para a criança com deficiência visual, pois pelo tato ela vai assimilando o mundo, construindo as percepções elementares e formando a imagem mental das pessoas, do objeto e do ambiente”. A abordagem do nosso trabalho buscou estabelecer um elo entre o lúdico e o aprendizado de história, para isso, realizamos um corte temporal do período das charqueadas em Pelotas, momento de grande acúmulo de riqueza e valorização da cidade. Esta ideia de articular várias abordagens interdisciplinares (lúdico, história, arte) contribui para que os alunos construam seu conhecimento. Vigotski (1997) também faz alusão à mediação semiótica, e descreve o aluno cego como alguém que necessita não apenas aprender, mas superar os alunos com visão; mediação social, na qual o aluno com cegueira irá se apropriar da vivência, da aprendizagem, da troca com o aluno que tem visão, para, ao conviver no dia a dia, também se aproprie, de forma sensorial, perceptiva ou espacial, dos conteúdos disciplinares trabalhados.

Realizamos nossa intervenção na escola Louis Braille, para que os alunos com deficiência visual pudessem ter um contato real com essa proposta de projeto. E também para que pudéssemos registrar as reações e através do questionamento a eles feito. Buscamos também saber como eles se sentiram ao realizarem a experiência lúdica. É preciso destacar que esse trabalho não pode ser entendido somente como brincadeira, mas sim como uma atitude que perpassa a ludicidade funcional e investe sobre a ação pedagógica.



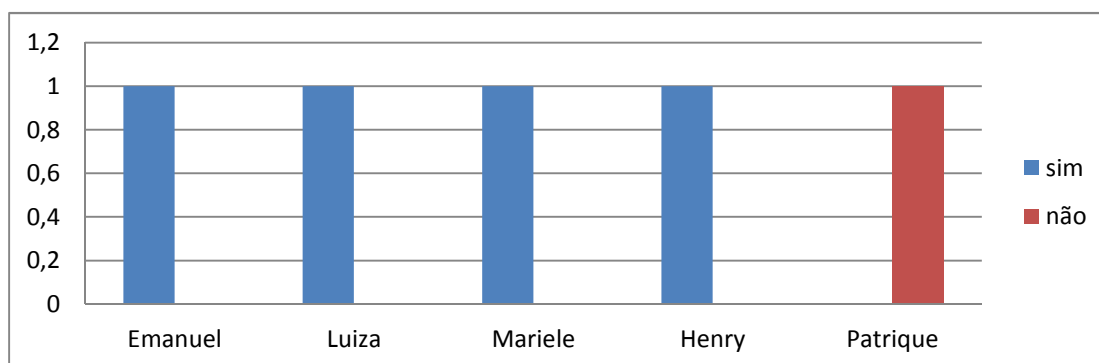
**Imagem 1:** Experiência do tato na maquete da Charqueada São João.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com essa intervenção formulamos algumas questões que foram respondidas pelos próprios alunos e outras percebidas pelos resultados emergidos da própria intervenção realizada. Afim de saber se realmente a ludicidade através da maquete auxiliou tanto ao professor iniciante na docência (neste caso, os universitários que realizaram o trabalho), quanto, e

principalmente, os alunos cegos, que com a participação ativa puderam fazer descobertas como se estivessem vendo as Charquedas São João.

Dentre as perguntas feitas aos alunos a que mais nos chamou atenção foi se a maquete teve importância junto ao conteúdo de história apresentado. Também responderam o que foi mais confuso na compreensão da maquete. Constatamos que apenas um dos alunos disse que a utilização da maquete era indiferente, ele não achou que a maquete era indispensável como os demais (Tabela 1). A maioria evidenciou que em toda a estrutura da Charquada a grama artificial foi a mais percebida por eles, uma vez que se contrapondo ao natural ela realmente é diferente.



**Tabela 1:** Importância da maquete para os alunos cegos

#### 4. CONCLUSÕES

Embasando-nos nas fontes estudadas e no projeto realizado, concluímos que a ludicidade é sim um grande auxílio a alunos com deficiência visual. Sabemos, no entanto, que este não deve ser o único meio para o aprendizado, mas quando utilizado junto a pesquisa e exposição da matéria facilita não apenas para os alunos com deficiências visuais, mas também a todos os alunos da sala de aula, para que possam se apropriar melhor dos conteúdos trabalhados. Por meio dela é possível ver o crescimento dos universitários - futuros professores e, do aluno no âmbito social, educacional e relacional.

Podemos afirmar, que sem o estudo desse tema, sem os esclarecimentos realizados nas pesquisas sobre este assunto com a orientação da Prof. Dra Lourdes Frison, provavelmente continuaríamos com os olhos vendados frente a uma realidade tão presente na vida de professor. E pior, ainda continuaríamos tratando essas crianças e jovens como seres incapazes, acabando por excluí-los em vários aspectos. Através desse trabalho, compreendemos melhor a realidade do Deficiente Visual e conhecemos meios que facilitam a inclusão de pessoas com alguma deficiência visual, tanto nas atividades sociais escolares, quanto no mercado de trabalho.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, M.M.G Saberes e Práticas De Inclusão, Brasília: editora do MEC 2006.

VYGOTSKI, L.S. Obras Escogidas: Fundamentos de Defectologia. Madrid: Editora Visor 1997.

LOCATELLI, A C.Dias; VAGULA, E. , Fundamentos da educação especial. São Paulo: Editora Pearson Education do Brasil,2009.

SANTOS, R V. , Abordagens do Processo de Ensino e Aprendizagem. Revista Integração, Ano XI, 2005.